

A saúde mental na atenção básica

Prof.^a. Ms. Márcia Peixoto César

Prof.^a. Dr.^a. Marluce Miguel de Siqueira

Centro de Estudos e Pesquisas sobre o Álcool e Outras Drogas (CEPAD/CCS/UFES)

Neste editorial, cabe-nos a tarefa e o desafio de abrir algumas reflexões sobre a saúde mental na atenção básica, fruto da Política de Saúde Mental formulada e implementada em diferentes âmbitos (federal, estadual e municipal), bem como sensibilizar e despertar novas consciências nos diversos atores sociais que constituem as redes de atenção aos portadores de transtorno mental (TM) e usuários de substâncias psicoativas (SPAs) em seus respectivos serviços e instituições.

A assistência oferecida aos indivíduos com TM e usuários SPAs tem sido marcada, historicamente, por processos exclusivos de segregação e isolamento. Trazer essas reflexões torna-se relevante pela magnitude dos problemas relacionados com o acolhimento desses indivíduos pelos serviços e espaços que os assistem, bem como pela própria dificuldade da sociedade em lidar com suas especificidades e potencialidades.

Então, pensar em uma assistência acolhedora, integral, efetiva e resolutiva é pensar em toda uma articulação com a rede de atenção à saúde mental, constituída por: Unidades Básicas de Saúde com equipes de saúde mental, Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), Ambulatórios de Saúde Mental, Prontos-Socorros Psiquiátricos, Leitos Psiquiátricos em Hospitais Gerais, Serviços de Referências em Atenção Integral a Usuários de Álcool e Outras Drogas (SHR-ad) e Hospitais Especializados em Psiquiatria e Serviços Residenciais Terapêuticos (SRTs).

As ações da saúde mental na atenção básica devem ser norteadas pelos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e da Reforma Psiquiátrica, seguindo o modelo de organização em rede, com base territorial, atuação transversal com as demais políticas, com caráter multiprofissional, interdisciplinar e intersetorial. Portanto, essas ações devem promover a construção da autonomia tanto dos usuários com TM e usuários de SPAs, como dos seus familiares e cuidadores, além da reabilitação e reinserção social. É necessário o apoio matricial da saúde mental às equipes da atenção básica com responsabilidade compartilhada.

Articular a saúde mental na atenção básica, tendo como porta de entrada as Unidades Básicas de Saúde e a Estratégia de Saúde da Família, é mais que apenas cumprir uma diretriz legislativa ou política; é poder repensar novas formas de gestão em saúde mental, redes de atenção à saúde mental, integradas, articuladas e intersetoriais, além de dar a esses usuários, familiares e comunidade a garantia de acesso, equidade, integralidade e cidadania, com uma atenção e assistência contínua e assegurada.

Acreditamos que, ao fortalecer a atenção básica como forma estruturante da rede de saúde mental, poderemos realizar, de fato, uma reorganização do sistema de serviços de saúde mental, otimizando recursos, proporcionando integralidade da atenção, evitando sobrecarga dos demais níveis de atenção, encaminhamentos, exames e internações desnecessárias, além da subutilização das potencialidades desse nível de atenção, bem como promovendo uma melhor otimização da rede de atenção.

Apesar de as redes de atenção em saúde mental ainda serem frágeis e insuficientes em muitos Estados e

Municípios do País, para acolher esses usuários com TM e usuários de SPAs, alguns desses vêm buscando meios para melhorar essa assistência e proporcionar melhor atenção a esses usuários, buscando organizar os seus serviços e capacitar os profissionais que estão engajados nessa rede. Municípios maiores, apesar da dificuldade de implantar e às vezes implementar a rede de atenção, ainda conseguem estruturar, mesmo de forma incipiente, alguns serviços específicos de saúde mental, porém municípios menores têm tido mais dificuldades para organizar suas redes assistenciais, muitas vezes ficando sem nenhum tipo de serviço que possa dar acesso e subsídio a esses usuários, o que torna fundamental organizar a saúde mental na atenção básica que, na maioria das vezes, é a única possibilidade de atenção oferecida ao usuário.

Portanto, pensar a saúde mental na atenção básica é superar desafios, é quebrar paradigmas, é desconstruir uma história de preconceitos e exclusão, para uma história de inclusão, respeito, solidariedade e cidadania. Enfim, é a possibilidade de “uma entender a outra”, ou seja, a atenção básica e a saúde mental caminharem juntas nesse processo de transformação.